

Poder e Fait Divers: o irrecuperável no jornalismo passo-fundense¹

Bibiana de Paula Friderichs²

Universidade de Passo Fundo

Resumo: O homem se constitui na linguagem, e os Discursos em circulação são espaços de realização da sua subjetividade. Essa linguagem, produto de um contrato coletivo e diacrônico, é a matéria-prima na tecelagem da Comunicação, em particular, da Comunicação Midiática; portanto, é nos seus Discursos que o sujeito contemporâneo se faz e se refaz. Por isso, ancorada pelo Método Dialético Histórico-Estrutural e pela técnica metodológica da Semiologia, segundo Roland Barthes (1984), a presente investigação propõe-se a estudar a discursividade, contemplando a produção de sentido em nível verbal e não verbal, de 01 notícia publicada no jornal O Nacional (Passo Fundo/RS), em agosto de 2006, sobre o caso Adriano da Silva. A análise será intermediada por cinco categorias barthesianas: Discurso (Pirâmides Normal, Invertida e Mista); Fait Divers; Estereótipo; Poder e o Socioleto (Encrático e Acrático).

Palavras-chave: produção de sentido, jornalismo, *fait divers* e Roland Barthes.

“Não existe sujeito fora da linguagem”. A pequena frase, embora inequívoca, abriga a extraordinária esfinge em torno da qual nos debatemos em inúmeras ciências. Sua brevidade também indicia a energia do signo, que a partir de uma relação dialética entre forma e conteúdo abriga, mesmo em acanhadas porções de linguagem, sentidos imprevisíveis, fugidios e múltiplos. Citado por Roland Barthes (1988, p. 106), o trecho referido aciona no ensaio *A paz cultural* essa trama de perspectivas inquietantes acerca dos descaminhos do Discurso na construção da realidade com a qual está reincidentemente conectado, menos como um sumidouro e mais como um mapa sem mina, sem “xis”, uma rota abalada, onde a significação pode se dispersar. Não há uma imposição que determine o fim do sentido, seu fechamento, um significado único e acabado para determinado signo, por menor que seja o espaço que ocupa no texto – evidência peremptória diante da complexidade do papel que os falares ocupam na configuração do real.

Para o autor, o homem só se realiza na linguagem, a partir do atravessamento dos signos que estão por todos os lados e cujo “poder é infinito” (1971, p.270). Ela é a disparadora das dinâmicas instaladas no cotidiano e, mais do que isso, fonte de transformação do real palpável. A linguagem é a forma de organizar e compreender o mundo que nos rodeia, e os discursos através dela estruturados expressam as ideias de determinados sujeitos ou grupos sobre a realidade – na

¹ Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação, XII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Prof. Dra. dos cursos de Comunicação Social da Universidade de Passo Fundo . E-mail: bibiana@upf.br

medida em que tentam defini-la ou explicá-la –, a consciência que esses indivíduos possuem de si, do outro e sobre o ambiente em que vivem. Essa é a matéria-prima para as nossas³ reflexões.

Desde o início da sua história, o homem existe numa relação de alteridade e de troca com o outro. Por isso, não nos parece equivocado dizer que a discursividade está revestida de um caráter público. Aliás, caráter esse particularizado na contemporaneidade, em que as relações possíveis entre a realidade, a linguagem e o sentido parecem ter se tornado alvo de uma dinâmica de comunicação midiaticizada. Na sociedade da informação e talvez, também, do conhecimento, os média multiplicaram-se como os principais canais de produção e distribuição de bens culturais, dominando os espaços de alteridade e de troca.

A Mídia tornou-se, assim, um lugar privilegiado do Discurso em suas diferentes manifestações, e a Notícia, conseqüentemente, uma forma de fala, um texto público, que circula pelo ambiente social e, portanto, provoca certo movimento. Através dela o homem pode construir novos sentidos sobre a realidade, conhecer sua própria imagem, se localizar como sujeito histórico e transformar as condições do cenário social com o qual está comprometido. Isso porque ler é também escrever, uma vez que, diante dos significantes oferecidos à fruição durante a leitura, é o leitor quem produz em si, concomitantemente, outro texto, no qual pode ressignificar o mundo ao seu redor e relacionar-se, de outros e inusitados modos, com ele.

Entretanto, para alguns autores, esta mesma Mídia, cujo potencial discursivo revela possibilidades de intervenção dos sujeitos diante da realidade, é sensacionalista; um agente de interpelação que expõe os conflitos do cotidiano social, reduzidos e esvaziados de historicidade, ao mesmo tempo em que apresenta soluções e/ou respostas pré-fabricadas e instantâneas para eles.

Dentre os autores que se debruçam sobre essa questão está Roland Barthes (1971) com seus apontamentos sobre o *Fait Divers*. Uma das principais preocupações do autor refere-se ao papel da fala na constituição das relações sociais, mais especificamente, da língua. Não de modo restrito, ou seja, relacionado à língua escrita, mas às estruturas linguísticas às quais devemos submeter nosso pensamento para expressá-lo, e além delas, à dimensão translinguística que incide sobre essa dinâmica. De acordo com suas reflexões, de certa forma, somos aprisionados por determinadas estruturas, algumas delas naturalizadas pela mídia, e nem sempre conseguimos fazer rupturas em favor da polissemia do texto.

³ Utilizamos a primeira pessoa do plural neste projeto considerando os aspectos evidenciados pela DHE, que nos permitem compreender o real, como algo histórico e socialmente constituído. Vivemos em permanente relação com o outro e acreditamos que parte do fazer científico liga-se a um questionamento acerca do lugar de onde falamos, pois não é possível separar a objetividade da ciência da subjetividade do pesquisador.

Nesse sentido, o que é o *Fait Divers* senão um tipo particular e estruturado de fala? Ele existe deste a Idade Média, como forma narrativa das tragédias do cotidiano e, portanto, faz parte do universo da informação e do discurso. Mas com a chegada da grande imprensa, há dois séculos, transmutou-se no anúncio de existência de outra realidade, aparentemente inexplicável, na qual a noção de fatalidade, por exemplo, supera a do acaso e a da coincidência, fornecendo ao público uma aparente explicação⁴, satisfatória, para aquelas questões que às vezes escapam à sua compreensão. E o público, abastecido com esse significante mítico, cerca as possibilidades de sentido que o texto pode guardar, limitando seu entendimento e intervenção no palco social. Daí a relevância de nos debruçarmos sobre ele.

Considerando tal contexto, o jornal *O Nacional*, mais antigo periódico em circulação no município de Passo Fundo, aparece, então, como um recorte do objeto que é a produção de sentido. Já havíamos nos deparado com seus Discursos jornalísticos em outro momento; entretanto, nas pesquisas anteriores nosso *corpus* estava relacionado à construção noticiosa na atualidade e preocupado em observar o diálogo entre dois Socioletos: o do sujeito noticiado e o daquele que noticia⁵.

Durante essa caminhada, observamos diferentes aspectos da história do próprio jornal e da contribuição, associada aqui à evidência de intervenção, de certas personagens para o seu desenvolvimento. Mas mais do que isso, ao acompanhar sua história, como expressão de um tempo e do Socioleto⁶ de um grupo cultural, nos inquietamos diante da percepção do quão relevantes podem ser os Discursos que circulam pelo espaço midiático e a dimensão a que correspondem, lugar de sentidos, no modo como os sujeitos sociais entendem e explicam a vida cotidiana e suas transcendências.

Um episódio, em particular, parece significativo nessa caminhada. Trata-se do caso Adriano da Silva, autor confesso da morte de 12 meninos (somente oito comprovados pela Justiça) com idades entre sete e 13 anos. Os crimes aconteceram principalmente na cidade de Passo Fundo, entre agosto de 2002 e janeiro de 2004. Segundo a perícia, a ação do assassino

⁴ Embora o conceito seja resgatado por inúmeros autores, Roland Barthes se interessou em arranjar-lhe uma tipologia básica, debruçando-se sobre o problema da estrutura desta forma narrativa. Segundo o autor, no livro *Ensaio críticos* (1971), é uma estrutura fechada, compreendendo dois termos, causalidade e coincidência, os quais se mantêm em relação. “É a problemática desta relação que vai constituir o *Fait Divers*” (p.190). Considerando que a categoria se caracteriza pelo relato surpreendente, Barthes (1971) criou para cada tipo dois subtipos. Assim, o *Fait Divers* de Causalidade subdivide-se em Causa Perturbada e Causa Esperada e o de Coincidência, desdobra-se em Repetição e Antítese.

⁵ FRIDERICH, Bibiana de Paula. *Jornal O Nacional, Diário de Manhã e bairro Leonardo Ilha : contextos e produção de sentido no jornalismo [documento impresso e eletrônico]*. Porto Alegre, 2006. 166 f. Diss. (Mestrado em Comunicação Social) - PUCRS, Fac. de Comunicação Social

⁶ Conforme Bathes (1973) os Socioletos são formas particulares de fala utilizadas pelos diferentes grupos que compõem o ambiente social, são chamadas de “linguagens sociais”. Elas podem constituir-se na perspectiva de legitimar aqueles que já estão no poder (discurso Encrático), ou para conquistá-lo (discurso Acrático).

envolvia abuso sexual e estrangulamento. Adriano foi capturado em cinco de janeiro de 2004, no município de Maximiliano de Almeida, na divisa do estado do Rio Grande do Sul com o estado de Santa Catarina, e foi condenado pela justiça a 158 anos e quatro meses de reclusão, em regime de isolamento. O caso resultou numa extensa cobertura jornalística da imprensa local, que envolveu a revelação dos assassinatos, a elucidação da autoria, a reconstituição das cenas criminosas, a captura de Adriano da Silva e, por fim, o seu julgamento. Especialmente para *O Nacional*, este evento foi um marco: primeiro, porque resgatou o Jornalismo investigativo⁷ no cenário do Jornalismo local⁸; segundo, porque aconteceu durante uma reforma gráfica e editorial que o jornal havia iniciado sob a orientação do sobrinho de Tarso de Castro, Fernando de Castro.

É um Discursos sobre o qual depositamos um olhar mais cuidadoso, identificando três aspectos pertinentes à realização desta pesquisa e seu objeto: 1) todos os dias os jornais têm reservado espaços, com maior ou menor destaque, para informações como essas; 2) as significações produzidas pelos textos publicados, assim como a estrutura da própria notícia, revelam a produção jornalística da época e transportam seus elementos variantes e invariantes até os dias atuais; e, 3) não existe, ainda, uma bibliografia que dê conta do desenvolvimento do Jornalismo em Passo Fundo, com exceção de pequenos artigos, publicados em jornais antigos, e as edições do *O Nacional*, encontradas no Arquivo Histórico Regional do município.

Considerando esse universo contextual, propomos na presente investigação o estudo da discursividade em 01 notícia publicada no jornal *O Nacional* (Passo Fundo/RS), referente ao caso *Adriano da Silva*, contemplando a produção de sentido em nível verbal e não verbal. A sustentação teórica será construída com base nos pressupostos de Roland Barthes, por intermédio de cinco categorias *a priori*⁹: Discurso (Pirâmides Normal, Invertida e Mista); Fait Divers; Estereótipo; Poder e o Socioleto (Encrático e Acrático). Elas estão organizadas numa disposição que contempla a discursividade, transitando dos seus aspectos mais concretos para os mais abstratos, com a finalidade de facilitar a leitura do nosso objeto.

Desse modo, partimos da categoria Discurso, lugar onde se inscrevem os Estereótipos, o Poder e seus interditos. Para Barthes (1978, p.32), “todo o lençol do discurso é fixado por uma

⁷ Parece-nos que todo o jornalismo, sua práxis, é por definição investigativa. No entanto, existem formatos de narrativa que favorecem mais a investigação do que outros, como é o caso da reportagem e do relato das coberturas (ou seja, série de Notícias que acompanham o desenrolar de um caso particular e, à medida que novos fatos são descobertos, publica-os no periódico, como uma sequência).

⁸ Empiricamente, podemos observar inúmeros motivos para o <<desaparecimento>> desses formatos dos periódicos locais: equipes enxutas, estrutura precária, cultura de redação, formação profissional (a primeira turma de jornalistas na cidade, graduada pela Universidade de Passo Fundo, só se formou em 2000 e naquele momento, assim como nos anos seguintes, notamos certa resistência dos veículos em contratar jornalistas formados, em tempo esta resistência está sendo superada). Essa relação de mercado, em outro momento, poderia motivar uma pesquisa.

⁹ Poderíamos acrescentar aqui ainda outras duas categorias: Mito e Fotografia. No entanto em consequência do espaço destinado ao artigo, deixaremos estes recortes para abordá-los em outra oportunidade.

rede de regras, de constrangimentos, de opressões, de repressões, maciças ou tênues [...], sutis e agudas”, onde o linguístico e o translinguístico perseveraram. Nele existimos como sujeitos da enunciação, apesar dos contornos plásticos que assumam. A subcategoria Pirâmide (segundo Adelmo Genro Filho, 1988) soma-se a essa preocupação no sentido de contemplar os diferentes planos de expressão deste tipo de narrativa.

Fundamentados nesses mesmos pressupostos, além da categoria *Fait Divers* já referida, estão os Estereótipos. Para a Semiologia, o primeiro pode ser aquele significado segundo cristalizado, seu grão, a ponta do *iceberg* mitológico. Seu princípio ativo está em transformar a História em natureza, como se a imagem evocasse naturalmente o conceito, dizendo-o sob a estrutura do que é óbvio. Superar esta “necrose da linguagem” exige um abalo do sentido.

Além disso, as reflexões propostas estarão ancoradas pelo Método Dialético Histórico-Estrutural (DHE) e na técnica metodológica da Semiologia. Escolhemos a DHE porque o método não tem o objetivo de fornecer respostas prontas para tudo, mas nos permite compreender o real como algo histórico e socialmente constituído. Para isso, observa as Condições Objetivas e Subjetivas da realidade, de forma que podemos delinear o cenário onde nos encontramos imersos ao mesmo tempo em que procuramos perceber as nossas possibilidades de intervenção na sua estrutura.

A DHE combina a noção de movimento da Dialética marxista com a noção de estrutura social do Estruturalismo, de modo que aplicaremos as categorias selecionadas a partir da contextualização do nosso objeto de análise, identificando seus personagens e o palco sócio-histórico com o qual os textos produzidos por eles estão envolvidos. Mais do que isso, este método, combinado com a técnica semiológica, possibilita que observemos as singularidades das relações experimentadas neste lugar e as marcas que deixam no tecido social.

A problemática que nos mobiliza ao longo desta investigação se desdobra em inúmeras questões, particularmente ligadas às categorias de análise: Como a discursividade se manifesta através do relato jornalístico de *O Nacional* sobre os acontecimentos em torno de Adriano? Como o *Fait Divers* pode se singularizar nas Notícias? Como esses Discursos trabalham ou não trabalham os Estereótipos nos textos que os constituem? Como o Poder se particulariza no trabalho de significação disparado pela narrativa noticiosa de *O Nacional*? E conectado a tal questão: de que maneira os Socioletos se revelam ou se escondem nesses Discursos?

Propondo tal investigação, não intencionamos imitar o leitor – o outro leitor, os muitos leitores que derivam no tempo e no espaço – nem mesmo encontrar o sentido final do discurso passado no tempo presente (porque não há um sentido oculto e/ou verdadeiro); mas nos desprendermos da história como contingência, da ideia de acaso, e, a partir do Jornalismo,

significar (leitura como espaço de subjetividade) e/ou ressignificar (leitura como memória coletiva) a imagem das relações que o homem matinha (mantém) em sociedade.

1.1 A machete diz “21 anos e cinco meses”

A compreensão da dialética que mobiliza a linguagem no jornalismo poderia ser construída a partir da leitura de inúmeros textos, sobre esse ou sobre outros assuntos. No entanto, os relatos jornalísticos ligados ao caso Adriano da Silva, foram escolhidos dentre as pautas recentes, porque evidenciam uma ruptura na rotineira abordagem adotada pelos periódicos locais no que diz respeito a certas temáticas (violência, morte, assassinatos) e, a partir de uma percepção empírica, conseqüentemente, desacomodam as dinâmicas de leitura dos sujeitos que a eles tem acesso.

Nesse sentido, é relevante resgatar que o caso circula pela mídia desde 2002, quando a polícia passou a receber a denúncia do desaparecimento de meninos entre oito e treze anos e, em seguida, seus corpos eram encontrados. No entanto, até dezembro de 2003, quando a ossada de Leonardo Dornelles dos Santos (oito anos) foi descoberta numa lavoura de soja, ainda não havia um suspeito em potencial para os crimes, apenas a suposição de que estavam relacionados uns com os outros. Segundo as informações publicadas pelo próprio *O Nacional* (2006), foi o avô de Leonardo, Gedeon Dorneles, quem indicou Adriano como o responsável pelo assassinato de seu neto, mas, na ocasião, o acusado apresentou nome falso e foi liberado pela Polícia Civil.

Ao longo desse período, embora os assassinatos fossem de conhecimento público, poucos deles viraram capa de jornal (não no ON, por exemplo) e seus relatos estavam dispersos e reservados a notas e pequenas Notícias nas páginas policiais. O caso ganhou um pouco mais de repercussão quando os eventos em torno da morte dos inúmeros meninos e a figura de um “serial killer” foi associada, desencadeando a captura de Adriano, preso na divisa entre os estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Só nessa oportunidade é que as Notícias pertinentes ao tema viraram capa de jornal, embora permanecessem na editoria de polícia.

Escolhemos os relatos jornalísticos de agosto de 2006, porque foi nessa época que as Notícias migraram da editoria específica <<polícia¹⁰>> para a editoria de <<geral>> ou <<cidade>> – como era chamada no projeto gráfico de *O Nacional* – aproximando-se ainda mais das características do *Fait Divers*, tal qual foram pontuadas por Roland Barthes (1971). Segundo o autor, é justamente quando os fatos, mesmo guardando em si algo de familiar, distanciam-se

¹⁰ Essa subdivisão do jornal em editorias ainda não era utilizada pelo *O Nacional* em 1979; por isso, não a levamos em consideração nas análises do capítulo 02.

num maior ou menor grau do mundo conhecido e já classificado – desequilibrando a balança da racionalidade –, que se constituem em “casos do dia”.

Os textos sobre os quais nos debruçamos foram publicados, com chamada de capa, no dia 16 de agosto, e se desdobram ao longo da publicação em outras seis páginas. A heterogeneidade dos planos de expressão nos sugere uma prática investigativa: a descrição. Ela antecederá a análise propriamente dita, embora também possa ser considerada parte dela, com o objetivo de observar como esses diferentes textos estão distribuídos pelas páginas do jornal e que lugares ocupam. Barthes (1984) lembra que é a descrição que nos possibilita organizar e escolher algumas unidades de leitura diante da complexidade discursiva, debruçando-nos sobre cada uma delas e, ainda, integralizando-as num mesmo Discurso.

A primeira aparição da pauta em questão esta na capa do jornal, organizada em três momentos: a) no topo, constam chamadas referentes às editorias de “Esporte”, “ON tendências” e “Cultura”; b) logo abaixo delas, separado por uma retícula e ocupando uma porção pequena da folha, consta o cabeçalho do periódico; c) por fim, parte inferior se concentra o maior número de manchetes, representando dois terços do total da página.

No centro da página, espalhando-se por três das cinco colunas da folha, está a chamada sobre o caso Adriano. Sua disposição evidencia o destaque que ocupa dentre as pautas publicadas no periódico daquele dia, marcando o prenúncio de um Discurso que iria se estender por mais cinco páginas. Esta chamada conta com textos verbais e não verbais representados por uma fotografia, uma legenda e um *lead* de poucas linhas. Sob a cartola “Sentença”, em letras pequenas e destacadas pelo escurecimento do contorno da fonte (negrito), a manchete registra “21 anos e 5 meses”¹¹.

No que se refere à imagem em questão, podemos observar que está ajustada ao centro da página e a atravessa de alto a baixo. Trata-se de uma fotografia em plano conjunto, onde se revelam duas figuras. A primeira é a de Adriano da Silva¹², posicionado de costas para a leitor, em plano americano, com as mãos algemadas. Ele está com o corpo e o rosto virados de frente para a segunda personagem, que visualizamos por ser menor que Adriano e surgir acima de sua cabeça: é o juiz Sebastião Francisco da Rosa Marinho.

Recortada de seu contexto original a composição remete ao ato da leitura da sentença do acusado. Isso fica evidente uma vez que o cenário está limitado a um fundo branco e, além da imagem dos dois homens, já mencionada, não há outra referência qualquer a tempo e espaço em

¹¹ A utilização dos números em forma de algarismo foi preservada, conforme o texto originalmente publicado.

¹² Parece ser um homem de estatura média, mas de porte grande. Sua cabeça está quase que totalmente raspada e veste uma camiseta escura e calça *jeans*. Como em todas as Fotografias essas características não se alteram, não repetiremos tal descrição.

que estas duas personagens pudessem estar naquele momento; entretanto, o juiz segura um papel para o qual dirige o olhar. Ao lado dessa cena, na coluna da esquerda, está o *lead*; na da direita, encontramos algumas palavras chaves (as estratégias, a reviravolta, os personagens, os bastidores, etc.) supostamente referidas ao conteúdo que será contemplado no interior do jornal, e abaixo delas, no pé da página, a legenda: “00h35 de hoje: o juiz Sebastião Francisco da Rosa Marinho anuncia a decisão dos jurados”.

O segundo texto em questão, maior e de formato noticioso, ocupa quase todo o espaço da página, em cinco colunas, cedendo alguns centímetros do rodapé para propaganda eleitoral paga. A machete diz “Irrecuperável” e está centralizada em quatro colunas. Ao lado dela, na coluna que resta, há um novo *lead*, justificado à esquerda, de sete linhas, cuja fonte é maior que o restante do corpo do texto.

Ainda alinhado à esquerda, abaixo do *lead*, ocupando quatro colunas, há um *big close* de um par de mãos algemadas. O texto noticioso está disposto ao redor desta imagem, preenchendo os espaços vazios da página e distribuindo-se em quatro colunas. No mesmo marco deste último parágrafo da Notícia encontra-se um *box*, caracterizado por retículas finas e com fundo de cor cinza, onde vemos a foto 3X4 do promotor público Fabiano Dallazen e, logo abaixo, um texto de 400 caracteres.

Considerando que a descrição tem a finalidade de gerar um conjunto de dados que simplifiquem a complexidade da estrutura narrativa através da qual se organiza o texto (que, ao invés de estar restrito a códigos verbais, é entendido aqui de modo amplo), podemos dizer que este conjunto de elementos compõe o **Discurso** noticioso. Ele se constitui de significantes variáveis – cujos planos de expressão vão desde palavras, passando pelas imagens e seus recortes para, enfim, converter-se em marcas gráficas –, mas que têm a invariabilidade de sentidos objetivada pela retórica de alguns significados. Essa reiteração constante se dá na medida em que tais significados, ora ou outra, são acordados pelo jogo dialético dos signos, que explicitamente indicam possíveis trajetos de leitura.

Sobre tais trajetos, aliás, é pertinente comentar o esforço discursivo para fragmentar a narrativa noticiosa – do mesmo modo que observamos nas análises anteriores –, a começar pelas informações disponíveis na capa do jornal. Embora a chamada para os desdobramentos da pauta estejam no centro da capa, desde já ela pontua o recorte de unidades estruturais, nominando cada trecho de leitura que o sujeito encontrará e, por conseguinte, antecipando assim a interpretação de sua totalidade. Como nas páginas que seguem essas unidades, convertidas no mais das vezes em palavras, não se repetem da mesma forma (mas adotando indícios semelhantes), é possível um esforço para conectá-las: será que o Discurso contou tudo que prometeu?

Por um lado, de acordo com Barthes (1988), esse desejo de saber o fim da história motivado pelo anúncio da capa, essa excitação de saber o que há depois do prefácio, dentro de cada termo do índice, é um dos fatores responsáveis por arrastar o leitor pela narrativa. Por outro, essa fragmentação que transcende o anúncio inicial e se estende pelas páginas da cobertura constrói fendas entre as inúmeras informações que estão espalhadas, isoladas umas das outras por subtítulos ou retículas, complicando a percepção de sua totalidade.

Além disso, esses itens sumarizados, associados ao *lead*, caracterizam-se como uma espécie de abertura performativa do relato, instituindo, conforme o autor (1988, p. 148), algo de sagrado na narrativa que segue. Sua finalidade é “*descronologizar* o fio histórico, e o reconstituir, mesmo a título de uma mera reminiscência”, ou seja, convertê-lo em representação, dando-lhe um tempo próprio de existência, como se não houvesse nada antes, nem depois: o tempo do fato é o tempo da enunciação e o tempo da enunciação é o tempo presente. Para quem o acessou, enquanto o acessava, existiu.

A repetição em si é mais um aspecto que já percebemos vivificado na narrativa e que pode ser apanhado via observação de alguns conjuntos significantes. Ela merece, aqui, atenção especial, pois evidencia certo cerceamento do código: formas diferentes que, ao serem submetidas à mesma estrutura, produzem igual sentido. Na manchete e no texto da capa, por exemplo, observamos o destaque dado ao tempo da pena: “21 anos e 05 meses”; depois, a descrição dos crimes “homicídio duplamente qualificado e ocultação de cadáver”, a caracterização da vítima “o menino Alessandro Silveira”, a caracterização do réu “irrecuperável” e, finalmente, a fotografia que mostra Adriano recebendo a sentença, proferida por alguém que está acima dele (este acima deve ser entendido em toda sua ambiguidade). Os dados repetem-se no interior da publicação e, ao serem associados a outras expressões, como “necrofilia” e “pedofilia”, acabam deformando as causas e efeitos do acontecimento, assim como impondo sua significação.

Além disso, tanto na capa quanto no interior do jornal, temos uma fotografia e um recorte que se sobrepõem: a imagem de Adriano algemado, em uma, e o plano detalhe das algemas superampliado na outra; a expressão grave no rosto do juiz sobre a sua cabeça, em uma, e o ar de desdém e reprovação do promotor, na outra. Nessa mesma perspectiva, também merece acuidade a organização gráfica da página 05, onde a foto predomina no espaço diante do texto verbal e acaba por impor seu sentido sobre ele. Por contiguidade podemos associá-la ao título: <<porque é irrecuperável deve ficar preso>> e conotar todo o sentido do relato.

O constrangimento do sentido de determinados signos pode se dar de modo menos elaborado, mas não menos violento, por meio da escolha desta ou daquela palavra, que ao

arrastar consigo uma bagagem translinguística nos pressiona a determinada interpretação. Este é o caso, na Notícia, do uso da expressão <<acatar>>: “os jurados foram unânimes, acatando a tese do Ministério Público”, ou ainda “o resultado foi positivo porque o Conselho de Sentença acatou na íntegra a tese do Ministério”. Embora ela possa ser entendida como <<respeitar>>, seu uso consensual (estereotipado) aproxima-se mais de <<obedecer>>, fortalecendo, assim, o Ministério Público, em detrimento do Conselho de Sentença (sociedade civil). Isso mostra como as escolhas que fazemos ao construir determinado Discurso revelam uma **Ideologia**, possivelmente, à qual estamos submetidos. O signo <<acatar>> aqui funciona, então, como um elemento de opressão do significado.

São esses elemento referendados até momento que apontam para uma estrutura típica dos textos jornalísticos, mas não são os únicos. Há uma divisão clássica, e reiterada pelos pesquisadores da área, dessas narrativas, que ora são informativas, ora opinativas. Este último era o formato mais utilizado no início da história da imprensa brasileira, mas gradualmente foi perdendo espaço para a descrição, em forma de relato, de acontecimentos factuais. Este novo tipo de texto, à medida que passou a preponderar nas páginas dos veículos diários, adquiriu certas características que marcam não apenas verbalmente, mas visualmente, sua presença.

Nesse sentido, é possível observar na Notícia em questão indicadores que lhe emprestam um caráter informativo: a chamada de capa (tradicionalmente utilizada para destacar Notícias de relevância pública ou reportagens especiais); o *lead*, como já dissemos (resumo dos principais dados pertinentes ao fato) que se repete também na página 05 – oferecendo outros significantes, mas constringendo aos mesmos significados; a fotografia (indício de um referente real); a cartola (um ponteiro para os diferentes assuntos tratados dentro de uma mesma editoria) e o uso da terceira pessoa do singular, registrando certa impessoalidade na narrativa, assim como certo distanciamento entre o jornalista, autor do texto, e o leitor, espectador do acontecimento.

Todavia, nas Notícias do caso Adriano essa aparente objetividade pode se perder diante da sentença do título interno – “Irrecuperável” –, particularizando a emissão de um juízo de valor (além de se caracterizar como rótulo), cuja origem e explicação só acessaremos mais tarde, de forma incompleta, ao ler o texto na íntegra. Além disso, graficamente, a referida palavra não veio acompanhada das aspas, *shifter* que designaria o testemunho ou a fonte.

Sobre a ausência do enunciador também podemos destacar a frase: “Segundo o documento, o transtorno anti-social de personalidade com traços de necrofilia e pedofilia torna o réu irrecuperável”. Repetida na mesma Notícia duas vezes, indicia um tipo de coisificação do sujeito, já que a inscrição não se refere a ninguém em particular (uma pessoa), mas a uma coisa, um objeto (o documento): ele é o responsável pela caracterização do estado psicológico de

Adriano. Assim, camuflado pela opção fraseológica, o sujeito da enunciação assujeita-se, submete-se à linguagem, anula-se em detrimento do sentido denotado/conotado, aquilo que pretensamente precisa ser dito. Porém, também podemos entender que, diante desse cenário em que ele se descompromete propositalmente e descompromete o outro, afinal <<quem>> é um documento?

Os fatos estão, assim, organizados em ordem cronológica decrescente, o que equivale a dizer em ordem crescente de importância, contemplando o Socioleto de um grupo cultural, o dos jornalistas. É este profissional, tendo como pressuposto seu conhecimento técnico, mas, e essencialmente, sua babagem de leitura e compreensão da realidade, quem determina, quando produz do texto, os aspectos que parecem mais relevantes sobre determinado acontecimento, caracterizando o relato como uma **Pirâmide Invertida**. Embora sua dinâmica não se revele em todas as páginas do jornal, predomina entre elas: sua estrutura dá a impressão de que o parágrafo introdutório é um imenso *lead* que abraça todo o conteúdo sobre o tema em questão publicado naquela edição.

A escolha recaiu sobre o “o quê”: “Adriano da Silva foi condenado”; para, em seguida, contemplar o “como”: “por unanimidade”; e, por fim, as informações adicionais, com ênfase no porquê: “pelos crimes de homicídio duplamente qualificado e ocultação de cadáver contra o menino Alessandro Silveira”. É uma estrutura que revela – assim como a imposição de normalidade percebida nas entrevistas – o *Fait Divers*, do tipo **Causalidade**, em que os motivos não são desconhecidos, mas deformados pela ilogicidade – “é um menino” –, esvaziados de sua historicidade (as outras dezenas de assassinatos de Adriano que não são citados e os que são estão contextualizados) e, com isso, tornando-se inexplicável aos recursos da racionalidade: “O documento também aponta que o condenado é irrecuperável”.

Elemento que corrobora tal aspecto é o apelo à emoção. Ele fortalece o <<Oráculo da Tragédia>> desviando a atenção do sujeito dos dados do acontecimento para o impacto que ele causou ou causará: “mantinha relações sexuais com cadáveres”; “relação sexual com o menino antes de ocultar o cadáver”; “21 anos e 5 meses”, “tenho certeza que enquanto Adriano estiver preso nenhuma criança morrerá nas mãos desse maníaco” (apelo de mãe) e “o paranense assustou a acusação”; sem mencionar o uso insistente da palavra “menino”.

Conforme Barthes (1971), trata-se, então, de uma informação sensacionalista, pois introduz a noção de conflito a partir da factualidade (do fato, acontecimento, que neste caso é o assassinato) para compreender o excepcional (a pedofilia, a necrofilia, a morte de uma criança em circunstâncias inexplicáveis). Nessa perspectiva a Causalidade manifesta-se através de seus dois subtipos: **Causa Perturbada** e **Causa Esperada**. Isso é possível porque, segundo Barthes

(1971), tipos e subtipos de *Fait Divers* não aparecem isoladamente, numa dinâmica de exclusão, mas podem se combinar formando uma trama discursiva.

Neste caso, o primeiro subtipo, de Causa Perturbada, revela-se através da observação da abordagem dada ao motivo do conflito: <<por que o menino foi morto?>> ou “dizendo que matou o menino porque estava sendo acusado injustamente pelas mortes ocorridas em Lagoa Vermelha”, em que o absurdo prevalece como explicação. Aliás, é um problema que está traduzido simplificarmente no texto pela seguinte questão: <<por que Adriano foi condenado?>> ou “Tenho certeza que enquanto Adriano estiver preso nenhuma criança morrerá nas mãos desse maníaco”. A resposta revela-se solidificada pela ideia de morte e de condenação, como se uma fosse a motivação da outra, encerrando a explicação do sensacional.

Contudo, se fizermos uma leitura mais atenta, é possível observar que esse *jogo-de-mão* instalado na dinâmica dos signos descontextualiza a narrativa, de modo que o determinante (a causa) é abstrato e deixa apenas vestígios de seu domínio. No segundo parágrafo da página 05 encontramos: “Adriano da Silva sofre de transtorno anti-social de personalidade com traços de necrofilia e pedofilia”, e mais adiante, na última e derradeira frase da Notícia: “A confissão do réu e um exame de DNA confirma a identidade da vítima”.

Outras figuras de linguagem dessa situação conflituosa revelam-se por meio das marcas na forma de interpelação. O Discurso obtém reconhecimento do sujeito leitor não apenas por aquilo que diz, mas pela forma de dizer, também espetacular. No caso desta Notícia, há uma apropriação dos códigos jurídicos, apresentando um vocabulário incomum, distante do cotidiano dos leitores, ilegível até, e diante do qual os interpelados não têm argumentos: “julgamento”, “sentença”, “reclusão em regime fechado”, “homicídio e ocultação de cadáver”, “tese”, “necrofilia”, “réu”, “condenado”, “transtorno”, e a própria imagem do homem algemado e sentenciado pelo semblante grave e punidor do juiz e do promotor. Diante de tais figuras parece não haver outra saída senão se submeter aos sentidos estereotipados a que correspondem.

Além disso, o texto caracteriza-se pela abordagem enfática dos efeitos, uma vez que a manchete (recurso que dá destaque à principal informação apresentada pela Notícia), o *lead* (resumo dos fatos) e a fotografia (registro de um homem algemado e reprimido) referem-se a ele. Os significantes articulados sugerem a mesma direção: matou e “foi condenado a 21 anos e 5 meses de prisão em regime inicial fechado”, escamoteando sua história, as outras mortes, as outras penas, os outros protagonistas, e assujeitando o acontecimento às figuras do tempo presente e efêmero, perdido na aparente irrelevância do contexto.

Já a Causa Esperada, embora com pouca ênfase, revela-se na medida em que a história é protagonizada por uma criança morta (ou muitas) e, portanto, já sem chances de ser protegida

por qualquer tipo de poder. Diz o texto: “condenado por homicídio duplo e ocultação de cadáver contra o menino Alessandro Silveira (13 anos)”. Há aqui uma projeção por parte do leitor, considerando que a criança representa um dos ciclos da vida (já fomos filhos e talvez sejamos pais). Ao reconhecer-se na trama, o sujeito interpelado projeta-se nela, vivendo através do outros os conflitos da essência humana, representação de situações reais, mas com as quais não precisa se comprometer seriamente, uma vez que a sentença já foi anunciada.

Há, por fim, evidências de um *Fait Divers* de **Coincidência**, subtipo **Repetição**, onde a morte, tantas vezes recorrente, reproduzida em lugares distintos e com diferentes protagonistas, é explicada através da irrecuperabilidade do réu. Todavia, essa repetição não está explícita no texto, como consequência da descontextualização, mas povoa o imaginário da audiência e provoca identificação por analogia.

O esvaziamento da história (contexto) pode ser percebido de modo peculiar no tipo de imagem proposta pelo relato. Em sua maioria, tem o fundo vazado, que contorna o corpo da personagem com a folha branca do jornal e o cerca pelos signos verbais. Diante delas precisamos deduzir um susposto cenário que as abrace, mas não há garantias de que esse exercício imaginário compactue com o referente real; por outro lado, trata-se de um esforço que polissemiza os sentidos, característica própria da imagem.

Aliás, ao propormos uma análise da narrativa jornalística, não pretendemos com ela apontar o que é certo ou errado no que tange ao processo julgado ou ao conteúdo apresentado, nem encontrar qual seria o sentido de cada texto e da totalidade do Discurso, porque, como insistimos até agora, não há um sentido final e absoluto. O texto é constituído por signos rolantes, em permanente movimento, com combinações infinitas, o que faz de sua estrutura algo dinâmico, que pode ser ressignificado pelo sujeito que o acessa..

No mais das vezes a análise que propomos se configura pelo esforço em transbordar o texto, identificando e abalando a pressão dos **Estereótipos**, os resíduos da cultura, que teimam em etiquetar os signos em favor de uma linguagem dominante e, por conseguinte, ideológica. Se não o percebemos e deixamos a energia da obviedade efetivar-se pela etiquetagem, demitimo-nos de nós mesmos, como diz Drummond (1984)¹³ no poema “Eu etiqueta”, para sucumbir a essas “mensagens, letras falantes, gritos visuais, ordens de uso, abuso, reincidências. Costume, hábito, permanência, indispensabilidade, que fazem de mim homem-anúncio itinerante”. E presos pela cristalização do sentido, senão consumidores de objetos, mas de significados, transformamo-nos em reprodutores de um Discurso de interditos. Assim como carregamos

¹³ ANDRADE, Carlos Drummond. *Corpo*. Rio de Janeiro: Record, 1984.

marcas e conceitos pendurados às roupas, calçados e acessórios que compramos, sem nos darmos conta de que significam, também carregamos e reincidimos os sentidos a cada texto encontrado.

Etiquetados também estão na estrutura da Notícia as ideias de julgamento, sentença e condenação. A sequência desses procedimentos aparece como a única solução possível para Adriano, embora não o seja para as perdas que causou: “Eliane Silveira lamenta que a condenação não trará seu filho de volta. ‘Valeu a pena esperar 16 horas. Tenho certeza que enquanto Adriano estiver preso nenhuma criança morrerá nas mãos desse maníaco’, concluiu”. Aliás, a palavra criança aqui evidencia outro Estereótipo, o da infância, que, associado ao rótulo de periculosidade, fortalece a *ideia* de desproteção. Diante desses sentidos, o Discurso articula-se em torno de uma consequência: a revolta, estruturando sua exagerada valorização, como observamos na entrevista feita ao agente penitenciário. A pressão sobre o sentido só cessou à sua resposta: “Sempre há revolta. [...] Nas primeiras vezes que viemos para cá era muito complicado. Chegavam a tentar atirar objetos nele”.

Há até, no relato noticioso, o rótulo sob a perspectiva do **Poder**, revelado pelas fotos de capa e da página 05, em especial referendando o poder institucional. No primeiro caso ele aparece diante da suposta superioridade do juiz, cuja imagem está acima de Adriano, algemado diante dele. E, no segundo momento, o Estereótipo revela-se pelo olhar de desdém do promotor na foto-retrato. Dizemos tratar-se de um Estereótipo porque, para Barthes (1978), como revisitaremos adiante, o Poder não se resume a algo político; é mais uma energia que está em todos os lugares e que mobiliza o sujeito, tal qual o prazer. Para o autor Poder é prazer.

Encontramos ainda outras ocorrências de rotulação nestes textos: 1) a nomeação do subtítulo “Júri machista”, como se qualquer grupo formado por homens representasse certo conservadorismo, o transliguístico que se arrasta com a palavra; 2) a utilização da palavra cadáver, repetida inúmeras vezes ao longo das Notícias e que esvazia a relação do corpo morto com a corpo vivo, transformando-o em objeto; 3) e a abordagem que aponta para a relação sexual como transgressão, uma vez que se efetiva diante do corpo sem vida uma violação da outra, que (como no caso Clodoaldo, depois de morto não tem direito ao seu próprio corpo).

Por fim, mas não menos relevante, encontramos um deslocamento da linguagem, que, ao contrário dos Estereótipos, deixa-nos em desequilíbrio diante do relato, pois, ao longo do trabalho da significação, nos leva de um termo a outro infinitamente, polissemizando a produção de sentido. Trata-se da metáfora presente na fala do promotor público: “a Sessão do Júri não pode ser transformada numa missa de corpo presente”. Ela não se organiza sob uma estrutura carcerária, pois não há relação imediata dos sentidos denotados com o significado conotado. Como leitores, é preciso que preenchamos as fissuras do Discurso com uma bagagem muito

subjetiva, advinda dos acúmulos da cultura e sua reinterpretação. No entanto, tudo indica que há certa opressão nesse processo, já que muitas vezes as metáforas se solidificam por meio da narrativa mitológica contemporânea e, portanto, distribuída pelos meios de comunicação.

Toda a dinâmica observada ao longo do Discurso revela sua submissão a determinado Poder, uma vez que as figuras identificadas, os resíduos da objetividade falseada e os estereótipos abalados trabalham reprisando em diferentes textos os mesmos sentidos, os quais, portanto, operam para preservar sua energia, impor certa Ideologia, numa relação significante que se apropria do mundo compartilhado para provocar sua ordem inalterável. Por isso dizemos que se trata de um **Discurso Encrático**. Fundamentado, ora pela obviedade, ora pelo desconhecido, pelo misterioso, seu construto valoriza a anormalidade, o extraordinário, como fonte de imobilidade. <<Não devemos forçar as margens do texto, transbordar o sentido, pois qualquer passo pode nos levar ao abismo>>, e esta fabulação nos aprisiona, ou nos oprime até, a uma limitação linguageira, que traduz o mundo num número restrito de significados. Mas como seria estar em queda livre diante do texto? O desequilíbrio, a oscilação, é o que nos coloca em movimento, que permite não apenas significar, mas ressignificar. Esta última é que parece ser a maior das aventuras.

1.2 Referências

ANDRADE, Carlos Drummond. **Corpo**. Rio de Janeiro: Record, 1984.

BARTHES, R. **A aventura semiológica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001(b).

_____. **A câmara clara: notas sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

_____. **Elementos de semiologia**. São Paulo: Cultrix, 2001 c.

_____. **Ensaio Críticos**. Lisboa: Edições 70, 1971.

_____. **O grão da voz**. Lisboa: Edições 70, 1981.

_____. **O rumor da língua**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

DEMO, P. **A dialética hoje**. 2ª ed. Petrópolis: Cutrix, 1990.

DEMO, P. **Metodologia científica em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1985.

O NACIONAL. Ano 82. Nº 23.259. 16 de ago. de 2006. Passo Fundo – RS.

GENRO FILHO, A. **O segredo da pirâmide**. Brasília: Ortiz, 1988.